

RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E O REAL DA HISTÓRIA NA ANÁLISE DO DISCURSO

Guilherme Figueira BORGES*

RESUMO

Neste trabalho, objetivamos tecer considerações sobre a relação, constitutiva e constituinte, entre as noções de língua e de real da história no campo da Análise do Discurso francesa. Para tanto, estabelecemos um retorno ao pensamento saussuriano no que diz respeito, notadamente, às noções de língua e valor linguístico, a fim de evidenciar os deslocamentos que essas noções sofrem no campo da AD a partir de um imbricamento, proposto por Pêcheux e Gadet (2004), com a noção, por exemplo, de *pré-construído*. Assim, evidenciamos que o real da história incide na língua, produzindo sentidos e recortando pontos de indizível.

Palavras-Chave: Língua; Real da História; Pré-construído; Análise do Discurso.

Uma vez mais, trata-se de chamar a lingüística para fora de seu domínio, de explorá-la em proveito de uma filosofia [...] Realmente, uma grande solução!... PÊCHEUX (1995, p. 89)

Segundo Pêcheux (1995, p. 16), a semântica passou por um momento de descredito ao ser relegada à uma “análise do conteúdo¹”, por alguns empirista e racionalistas, e à aspectos psicofisiológicos de linguagem, sendo tomada, pois, como uma afirmação do óbvio (Pêcheux, 1995). Fez-se questão de mostrar, em contrapartida, que os estudos da linguagem não podem ficar – e, de certo modo, já não estão mais – indiferentes a historicidade do/no/pelo sentido, mostrando que é extremamente fortuito lançar a lingüística para fora do seu domínio, ou seja, segundo Pêcheux e Gadet (2004), para um *continnun* de movências que o sentido pode estabelecer nas e pelas práticas sociais.

Benveniste (1995) nos chama a atenção para o fato de que é o homem falando que encontramos no mundo. A esse fato, acrescentamos outro: o homem está fadado a lidar

* Universidade Estadual de Goiás – UEG - Unidade de Iporá.
E-mail: guilherme.borges@ueg.br

¹O termo “análise do conteúdo”, emprestado de PÊCHEUX (2007, p. 25), foi utilizado para indicar os estudos que visam olhar a significação como algo contida *strictu sensu* no interior textual, em que se procura depre(e)nder somente o que é dito, a partir, por exemplo, de indagações do tipo: o que o autor quis dizer com isso? O que significa tal frase?... como se o dizer a ser analisado, fosse um recipiente que contentivesse “todos” os sentido. Tinha-se a ideia de que o intérprete poderia se isolar daquilo que interpreta e, por isso, todos poderiam ser capazes de realizar a mesma interpretação, tida como verdade.

com a língua(gem) e a enunciar, significando e sendo significado por ela. A partir dessa constatação, inúmeras subáreas da linguística se propõem a lançar o olhar para a significação e o sentido como, por exemplo, a Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) (Pêcheux, 1995), por um viés materialista do sentido. Haja vista que, para a AD, a tomada da língua(gem), enquanto aquilo que (im)possibilita o dizer, é o que nos constitui sujeitos, é o que nos permite estabelecer uma relação com outros sujeitos e o mundo.

Permite dizer, portanto, que o homem necessita da língua(gem) para se posicionar como sujeito de seu dizer e, por o homem se inscrever em posições-sujeito nas práticas discursivas, ele é interpelado pela ideologia, imbricada ao seu dizer. Chegamos, pelos estudos de Pêcheux (1995, 1983), à conclusão de que *não há discurso sem língua e sem que haja sujeitos enunciando e vice-versa*.

A partir dessa conclusão, vemos que estabelecer uma ruptura com a posição saussuriana de língua se torna eminente: como, então, pensar-se a língua? Ela pode suportar ou comportar a ideologia? De que modo a língua se relaciona com o discurso? Como se pode relaciona língua e/ou acontecimento? Sabemos que essas problematizações podem apresentar inúmeros desdobramentos, queremos, por isso, ater-nos a esboçar considerações sobre o deslocamento que a AD, mais notadamente a visão pecheuxtiana, propõe dos postulados da linguística saussuriana. Para tanto, este estudo objetiva-se a fazer uma passagem em noções como, por exemplo, *língua, valor, significação, discurso, sentido e história*. Consideramos relevante dizer que tocaremos também, de forma singela, em algumas considerações sobre o “real da língua” proposto por Milner (*apud* PÊCHEUX; GADET, 2004), convém adiantarmos, contudo, que não nos centraremos nela, tomaremos essa noção enquanto posição de interpelação e de deslocamento para se pensar, segundo PÊCHEUX e GADET (2004), o “real da história”. A noção de “real” empregada por Pêcheux e Gadet (2004) remonta a Milner (1987), no emprego de real emprestado de Jacques Lacan. Para Lacan, a

realidade empírica, na sua positividade, não poderia ser confundida com o real, intrinsecamente relacionado ao impossível, e não mais tal ou qual construção hipotética [...] O concreto com o qual a linguística trabalha, de natureza negativa, é o efeito propriamente linguístico desse real (PÊCHEUX; GADET, 2004, p. 33)

É inegável que Pêcheux (1995) fez “ranger²” as noções valor-significação dos estudos saussurianos, para que se pudesse instaurar um estudo sobre o sentido. Cremos que toda ruptura implica em deslocamento, pode-se dizer, por isso, que a AD constitui o seu campo estabelecendo um deslocamento do um ponto de vista linguístico-estruturalista traçado por Saussure (2000) na fundação da linguística. Contudo, a AD não propõe uma crítica somente pela crítica, é preciso ser capaz de propor algo “outro” a partir de problematizações de noções vigentes. Acreditamos que quando o pesquisador perceber que uma dada noção não é mais suficiente para se analisar um dado objeto (que é afetado pela história), é relevante então se criar “outras” noções que melhor se adequam aos objetivos dos sujeitos analistas. Remarquemos que esse ato criativo não se dá isolado, pelo contrário, ele deve ter um vínculo com noções precedentes, para que possa se adequar ou a uma rede teórica já existente, ou fundar um “outro” campo teórico.

Desse modo, acreditamos que a homenagem que a AD, principalmente na figura de Pêcheux (1995), pode proporcionar a Saussure (2000) faz com que os conhecimentos fundados sobre o objeto da linguística, a saber, a língua, deslocassem de posição e fossem transpassados por outros saberes. Não podemos deixar de dizer que, nesse movimento de deslocamento, pode-se ver que marcas do pensamento saussuriano que pulsam naquilo que é inaugurado pela AD: *o dizer (enquanto estrutura e acontecimento) também é afetado na e pela história* (Pêcheux, 2002). Saussure (2000) tem o seu “lugar de retorno” na AD, enquanto efeito de *pré-Construído*. Pêcheux, para trabalhar com a noção de *pré-construído*, apresenta uma análise da frase “aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu” (PÊCHEUX, 1995, p. 99). Em relação a essa frase, pode-se dizer que um “discurso do ateísmo militante nega, na ‘proposição em seu todo’, a existência daquele mesmo que ele pressupõe como existente na subordinada?” (*Op. Cit.*). Pelo contrário, deve-se “considerar que há *separação, distância ou discrepância na frase entre o que é pensado antes, em outro lugar ou independentemente, e o que está contido na afirmação global da frase*” (*Op. Cit.*, grifos do autor).

²Utilizamos tal termo emprestado de Foucault (2006) com base na seguinte expressão: “as pessoas que eu gosto, eu as utilizo. A única marca de reconhecimento que se pode testemunhar a um pensamento como o de Nietzsche é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar” (FOUCAULT, 2006, p. 174).

Nesse texto, pretendemos lançar o olhar para o que, no campo da AD, considera-se como “Língua” em sua interface com o dizer. Para tanto, optamos ter como ponto norteador o livro “A língua inatingível: o discurso na história da linguística”, de Gadet e Pêcheux (2004). Dada a natureza deste trabalho, elaboraremos também aproximações com a obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, de Pêcheux (1995), e o capítulo “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso”, de Haroche, Pêcheux e Henry (2007). Mostraremos as considerações desses autores sobre alguns conceitos-chaves à fundação da Linguística e que foram (re)significados de modo singular na AD, a saber, a relação entre significantes, entre significados, entre significante e significado, levando-se em consideração, sobretudo, os sujeitos que empregam o dizer. Dar relevância ao sujeito implica em considerar as relações sociais que são travadas, relações essas que podem ser de lutas, de embates e de insurreições contra exercícios de poder. Assim, nessa perspectiva, trazer o sujeito – seja como analista, seja como objeto de análise, para a análise desvela a historicidade e a ideologia que o constitui e o interpela a se posicionar enquanto tal. Poderemos dizer que, para a AD, é extremamente relevante considerar o porquê de o que foi dito por um sujeito em um dado momento não foi dito – e não poderia ser dito – de outra forma.

Segundo Orlandi (2004), no prefácio de *A Língua Inatingível*, diz que na obra há uma crítica ao fato do empreendimento da linguística se apresentar, em alguns estudos, “constitutivamente afetado por uma dupla deriva – a do empirismo e a do racionalismo” (ORLANDI, 2004, p. 7), a partir do qual Pêcheux “vai mostrar, com sua reflexão sobre esta história, que esta dualidade contraditória se realiza materialmente na própria estrutura das teorias linguísticas e na história de seus confrontos” (*Op. Cit.*).

Torna-se relevante dizer também que, para ORLANDI (2004), PÊCHEUX e GADET (2004) se inscrever e suportar a movimentação instaurada pela contradição de que “existe língua e existem línguas, [...] [tomando-se] partido junto, mas ao mesmo tempo contra J-C Milner, pois se para Milner há só o real da língua para Michel Pêcheux há também o real da história” (ORLANDI, 2004, p. 7-8). E, neste trabalho, objetivamos lançar o olhar sobre esse real da história que, segundo os postulados da AD, tangencia o emprego da língua e causa implicações singulares no dizer, na relação contraditória entre língua e – o que fora (de)negado por Saussure (2000) – a fala.

Remarquemos que a AD não foi fundada para resolver essa contradição – de que há o sistema linguístico (língua) e determinações não-sistêmicas que intervêm nele. Pelo contrário, buscou-se, partindo de uma base material e materialista dos sentidos, desenvolver essa contradição de modo a expor os seus mecanismos de atuação nas práticas linguageiras. Para que assim se pudesse pensar e fazer emergir a contradição que mantinha – e ainda mantém – os donos dos meios de produção nos poder, e voltar contra eles os próprios dizeres que utilizam para legitimar a sua dominação sobre a classe proletária. A teoria da AD nasce com o intuito de, como um “cavalo de tróia”, revelar os mecanismos dos discursos tidos como dominante e dominado, uma vez que, conhecendo suas contradições, poder-se-ia utilizá-los em prol da luta dos trabalhadores.

Conforme podemos perceber Pêcheux (1995) pensa a AD a partir de uma relação assimétrica e tensiva entre a psicanálise, o materialismo histórico e a linguística. Para Pêcheux (1995), a língua – e, por conseguinte, o discurso – não é só algo pelo qual se luta, mas é, sobretudo, aquilo com o que luta, um meio de militância, de embate, isto é, aquilo que propicia a insurreição, uma tomada de posição e uma inversão nas relações de poder na sociedade.

Como decidimos, com esse trabalho, tomar como foco as percepções apresentadas na obra *A Língua Inatingível*, de Pêcheux e Gadet (2004), sobre a noção de “língua” para a AD. Torna-se imprescindível mostrar que, na obra, os autores apresentam uma problemática fundada por uma interpelação causada pelo livro *O Amor da Língua*, de Milner (1987), que chama a atenção para o fato de que, grosso modo, há o “real da língua”, originando pontos de impossível. Segundo os autores (Pêcheux; Gadet, 2004),

[...] é exatamente neste ponto (irreparável no interior do processo biológico da sexualidade) que J-C Milner, retomando algumas formulações de Lacan, designa “aquilo pelo qual, com um só e mesmo movimento, há língua (ou seres qualificáveis como falantes, o que dá na mesma) e inconsciente”. Ele acrescenta que esse ponto de impossível surge do fato que, como dois sujeitos não podem se unir, “não há relação sexual” (Lacan), de quem ele retoma o termo “alíngua”. (PÊCHEUX; GADET, 2004, p. 52)

Consideramos que o pensamento de PÊCHEUX e GADET (2004) não nega tal constatação oriunda de uma aproximação que Milner estabelece da Linguística com a psicanálise lacaniana. Com efeito, os autores admitem que é fortuito fundar uma relação “da lingüística com aquilo que a língua contém do impossível, ‘impossível de dizer, impossível de não dizer de uma determinada maneira’. O Édipo lingüístico corresponde ao fato de que toda a língua não pode ser dita, em qualquer língua que seja”

(PÊCHEUX; GADET, 2004, p. 52). Desse modo, na perspectiva de Milner (1987), o sujeito deve suportar o fato de que, dado que é afetada pelo inconsciente, a língua comporta pontos de não-dizer e de não-sentido.

Contudo, PÊCHEUX e GADET (2004) percebem algumas limitações no pensamento de Milner. Se, por um lado, as considerações do real da língua com base no pensamento psicanalítico lacaniano aproximam Pêcheux e Gadet (2004) de Milner (1987), por outro lado, o vínculo ao materialismo histórico é o ponto que os separam politicamente³ (Pêcheux; Gadet, 2004, 52). A partir do materialismo histórico, procura-se estabelecer uma ligação material entre (dado que se constituem de linguagem) inconsciente e história, num lugar de instauração/manifestação/legitimação dos discursos da/na e pela língua. Contudo, dada a natureza desse trabalho não nos centraremos nessa ligação – inconsciente e história na linguagem- mas sim na relação que é pensada entre a língua e o “real da história”.

Segundo Pêcheux e Gadet (2004), o fato de Milner (1987) conceber a histórica de uma maneira “parodística de um materialismo da síntese, narcísico e cego, no qual a história só pode apresentar a forma de um desenvolvimento sintético progressivo da consciência e que, por conseguinte, ele negue a ela toda possibilidade do real, isso é outra coisa” (Pêcheux; Gadet, 2004, 52), acaba restringindo o seu olhar, dado que Milner (1987) vale-se de uma noção de história cartesiana, cronológica, ou seja, uma história que consiste somente numa passagem progressiva e coerente de fatos.

Para a AD, a história não é um “desenvolvimento sintético progressivo da consciência”, pelo contrário, ela será tomada como descontínua, apresentando fissuras, pontos de ancoragem e de deriva. A história é, pois, marcada por um retorno do dizer que oscila entre a recorrência e a dispersão. Por isso, a história também pode ser tomada como um lugar de “impossível”, onde os sujeitos tanto podem ter o seu dizer interdito como podem haver pontos do indizível o que será evidenciado em nossas análises.

³ Segundo Plon (2005), no momento político vivido por de Pêcheux, “o clima [era de] clandestinidade, de redes e de reuniões secretas, de relações duplas com a instituição que apesar de tudo nos pagava, todas as atividades nas quais se apostava” (PLON, 2005, p. 48-49). Contudo, não se tinha a “menor consciência disso tudo, um gozo que nos [Plon, Pêcheux e outros] leva à euforia, à crença em alguma vitória final até a hora em que o céu começou a escurecer” (*Op. Cit.*). Pêcheux representava a “figura emblemática [do] Che, como esse dado e seus corolários pode comandar a relação com o tempo, a pressão da urgência [...], como a combinação desses elementos eram obstáculos a qualquer distanciamento em relação a um projeto cujas próprias denegações não impediram de ser totalizantes” (*Op. Cit.*). A partir do acontecimento discursivo pecheutiano, pode-se dizer que houve a instauração de um “solo sempre fértil, o alimento inesgotável que possibilita nutrir a persistência de uma fantasia, aquela de retificar, de suprimir a causa daquilo que falhava e que falha sempre” (*Op. Cit.*).

Portando, podemos dizer que a história, por demarcar embates entre sujeitos, apresenta pontos de (im)possibilidade do dizer, do não-dizer, do contra-dizer, do já-dito e da projeção do dizer.

Desse modo, na fundação da noção de língua no interior da AD, a empreitada de Pêcheux e Gadet (2004) consiste em, baseando-se

contraditoriamente nessa tese de Milner, tentamos aqui fazer trabalhar o real da história como uma contradição da qual o impossível não seria foracluído. Assim, aquilo que avançamos historicamente, no que se refere às ideologias da vida e do Direito (para além do par simplista dos ditadores donos da língua em oposição à causa da liberdade) consegue se unir, através da logofilia, com a posição teórica de Milner referente ao real da língua. (PÊCHEUX; GADET, 2004, 52)

Levando o excerto em consideração, gostaríamos de dizer que a “língua inatingível” para Pêcheux e Gadet (2004) é a língua sob interpelação, sobre o efeito tensivo do acontecimento enunciativo. Postula-se que, nas práticas linguageiras, não há só estrutura ou só acontecimento, ver-se-á que estrutura e acontecimento se conjugam pelo ato de enunciação. Ressaltemos que, por conseguinte, a premissa lacaniana de que não há relação sexual se legitima, uma vez que, e isso é reconhecido por Pêcheux e Gadet (2004), apesar da enunciação conjugar estrutura e acontecimento, dos dois não se faz “Um”.

O mérito de Pêcheux e Gadet (2004) encontra-se no fato de se perceber que a língua se criva tanto no inconsciente como na história. Desse modo, postula-se que a língua goza de uma autonomia que não pode mais ser tida como absoluta, fruto de um desejo que representa um narcisismo da linguística. É fato que cada língua apresenta um funcionamento próprio, como nos chama a atenção Saussure (2000, p. 191 -2) ao dizer que “tudo é gramatical na analogia” e na analogia há “uma relação que une as formas entre si”. Todavia, conforme veremos, o princípio da analogia está intimamente ligado à fala que, por conseguinte, emerge de sujeitos em práticas sociais. Abre-se, pois, ao realizar o caminho inverso⁴, uma “porta” para se pensar que elementos não-sistêmicos influenciam no funcionamento da língua.

No campo da AD há um intenso ponto de contato entre teoria e política, merecendo destaque a militância de Pêcheux (1995; 2004). Na medida em que se

⁴Em muitos estudos, procurou-se perceber com que a língua deixava marcas na fala. No trabalho que apresentamos é preciso realizar o caminho inverso e buscar perceber como que a fala pode afetar o funcionamento da língua.

percebeu que a semântica é uma “disciplina moderna e complexa, que o marxismo tem todo o interesse em ‘assimilar’” (PÊCHEUX, 1995, p. 18). Foi relevante pensar um lugar, que goza de cientificidade, no qual confluem contradições que podem instaurar direções políticas de interpretação dos sentidos. Uma noção de Língua pode apresentar uma relação íntima com o materialismo histórico, uma vez que, conforme nos chama a atenção Pêcheux e Gadet (2004), a língua é afetada também por uma contradição, por isso *há língua e há línguas* (ORLANDI, 2004).

Para exemplificar o que estamos esboçamos, gostaríamos de apresentar enunciados simples, tidos como óbvios, a partir dos quais poderemos, mesmo que de forma hipotética, mostrar como que o real da história pode afetar a língua:

Pedro	vai	à casa	de João
	deslocou-se	à fazenda	de Maria
		ao apartamento	de Carlos

Vemos que esses exemplos apresentam significações que emergem do sistema, dado que podemos afirmar: que as palavras “ir” e “deslocar” são empregadas em cadeias de significantes para indicar movimento, deslocamento; que “casa”, “fazenda” e “apartamento” podem significar lugar próprio para o ser humano morar; e que “João” seria o nome convencionado a um amigo, de modo que as pessoas o reconhecessem no mundo e de maneira diferente a outros sujeitos como, por exemplo, Mateus, Maria, Jose, Carlo, etc. Vemos que, nos enunciados que apresentamos, cada elemento nas cadeias de significantes apresentam um valor que é relacionado intimamente com o elemento vizinho. Uma vez que apresentam “valores que emanam do sistema” (SAUSSURE, 2000, p. 136), sendo que esses “valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema” (*Op. Cit.*).

Para SAUSSURE (2000), é relevante dizer, um significante se une a um significado por razões tanto sociais como históricas e que, a partir do momento em que eles criam um laço de intimidade e entram na ordem da língua, gozam de uma determinada autonomia e uma sintaxe própria ao sistema que integram. Quando

Saussure (2000, p. 136) afirma “que uma palavra significa alguma coisa”, busca-se pensar em uma “associação de uma imagem acústica com um conceito, [...] uma operação que pode numa certa medida ser exata e dar uma idéia da realidade; mas, em nenhum caso, exprim[e] o fato linguístico na sua essência e na sua amplitude” (*Op. Cit.*). Convém dizer que, segundo os postulados de Pêcheux e Gadet (2004), nessa afirmação, o que alguns autores veem como limitação conceitual, por outro lado, pode-se ver brechas, fissuras teóricas que possibilitam o “outro”, o deslocamento sob uma perspectiva discursiva. Daí poder-se pensar que, no fato linguístico, pode haver a incidência de determinações de uma amplitude não-sistêmicas, ou seja, da história.

Desse modo, pode-se dizer que uma palavra apresenta sua significação constituída por “um princípio de unidade” (HENRY; HOCHÉ; PÊCHEUX, 2007), mas há algo escapa, falha, posto que não se pode exprimir o “fato linguístico na sua essência e na sua amplitude”. Acredita-se que esse princípio de unidade da língua é essencial, na medida em que ele seria o responsável por fundar as operações linguageiras, e por instaurar redes de recorrência e dispersão o que nos conduz a pensar que só presenciamos um dizer por que há um não-dizer que lhe é constitutivo. Vemos aí a noção de valor, proposta por Saussure (2000), sofrendo um deslocamento, haja vista que as relações negativas podem ocorrer, não somente em presença no sintagma, mas também numa relação entre dizer e não-dito.

Voltemos aos exemplos e recortemos o seguinte enunciado: “Pedro vai à casa de João”. A prática de “ir”, do deslocamento pode suscitar um não-dito que constituiria a posição sujeito enunciativa e afeta, de certo modo, o valor do enunciado, afetamento esse que se dá pelo toque do real da história na língua. Tudo isso porque a posição-sujeito enunciativa pode ser atravessada por um efeito de pré-construído de que, por exemplo, Pedro havia discutido com João. Assim a organização dos elementos no enunciado ficará saturada de uma significação de “pedido de perdão”. Vemos assim o real da história agindo e se fazendo sentir na cadeia significante. Seguindo essa linha de pensamento, podemos perceber o vínculo que Pêcheux (1995) apresenta com o conceito de “pré-construído”, fundado por Henry (1992), criado para designar a “discrepância entre dois ‘domínios de pensamento’, de modo que um elemento de um domínio irrompe num elemento de outro domínio sob a forma do que chamamos ‘pré-

construído’, isto é, como se esse *elemento já se encontrasse aí*” (PÊCHEUX, 1995, p. 99, grifos do autor).

Como podemos perceber pelo caminho percorrido, o valor está para os elementos da língua, assim como a significação está para os elementos da fala. Chegar a esta constatação não quer dizer que as implicaturas estão estaques ou isoladas, pelo contrário elas estão intimamente relacionadas, e o significado pode influenciar no valor e vice-versa.

Pêcheux e Gadet (2004) fazem questão de afirmar que “Saussure, não é tão fácil assim! Colocar o valor como peça essencial do edifício equivale a conceber a língua como rede de ‘diferenças sem termo positivo’” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 58), fato que implica em se pensar: (i) o papel do signo em um jogo cujo funcionamento é opositivo e diferencial e não na sua realidade no mundo; (ii) pensar o não-dito, “o efeito *in absentia* da associação, em seu primado teórico sobre a ‘presença’ do dizer e do sintagma” (*Op. Cit.*); (iii) o não-dito é constituinte do dizer, porque “o todo da língua só existe sob a forma não finita do ‘não-tudo’, efeito da língua” (*Op. Cit.*). E é por tomar a ausência como da ordem do constitutivo que a noção do valor saussuriana (2000) “resiste às interpretações sistêmicas, funcionalistas, gestaltistas e fenomenológicas que, entretanto, elas não cessão de provocar. A revolução saussuriana provoca o esfacelamento da complementariedade”. (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 58)

Poderíamos dizer ainda que há elementos nos exemplos que podem demarcar relações sociais e de poder na sociedade, podendo demarcar também toques do real da história na língua. Como, por exemplo, no emprego de “apartamento” e “fazenda” juntamente com o conectivo indicador de posse “de” para os sujeitos “João”, “Maria” e “Carlos”. O real da história pode deixar marcas de contradição no valor entre os signos na medida que, tomando-se um período histórico como, por exemplo, o colonial (Séculos XVI e XVII), veríamos que o elemento que ocupará um lugar na cadeia de significantes denotado pela indicação do conectivo de posse “de” seria masculino, dado que a sociedade brasileira era escravocrata e machista. Desse modo, a cadeia de significantes fundar-se-ia na possibilidade de “João” e “Carlos” e a impossibilidade de “Maria”. Acreditamos que, no período colonial, elementos como “Maria” naquela posição da cadeia eram pontos impossíveis na língua, na medida em que, apesar de hoje podermos vislumbrá-lo como possível, na época nem sequer esse fato era

cogitado/pensado. Desse modo, nos séculos XVI e XVII, um enunciado como, por exemplo, “João vai à fazenda *de Carlos*” apresenta um ponto legitimado em práticas sócio-histórico-ideológicas vigentes, enquanto que o enunciado “João vai à fazenda *de Maria*” reflete um ponto impossível na língua, em relação à sociedade discursiva da época.

À guisa de considerações finais, gostaríamos ainda de dizer que o real da história é constituinte/constitutivo do (efeito de) sentido, enquanto manifestação de *pré-construído* (PÊCHEUX, 1995). E mostramos que uma posição sujeito pode tocada de forma singular pelo real da história na/pela enunciação, produzindo opacidades, equívocos, esquecimentos que podem significar e se fazer sentir em todo dizer. Nesse sentido, é preciso que se lance o olhar para aquilo que se apresenta como sendo evidente, isto é, de que “as palavras têm um sentido porque têm um sentido, e os sujeitos são sujeitos porque são sujeitos” (PÊCHEUX, 1995, p. 31-32). O que nos parece óbvio no dizer, pode ser uma “ilusão” que dissimula relações de poder e de saber nas práticas sociais. Na perspectiva da AD, a língua e o dizer são, pois, inatingíveis, dado que são construções, moventes e efêmeras, de sujeitos para sujeitos.

É preciso, portanto, considerar que tanto as palavras quanto os sujeitos estão clivados em condições sócio-histórica-ideológicas de instauração dos discursos. Segundo Pêcheux (1995), precisamos suspeitar do óbvio, de práticas linguageiras estabilizadas nas práticas sociais, uma vez que o real da história é constituinte/constitutivo do sentido. E mostramos que uma posição sujeito pode apresenta modos específico de tocar o real da história na/pela enunciação, seja por um efeito de “pré-construído”, seja pela demarcação de uma posição social que ressalta relações de poder que determinam, no fio da história, locais (na língua) impossíveis de serem ocupados pela mulher. E deixamos, por fim, os dizeres de Haroche, Henry e Pêcheux (2007, p.18), para os quais, por haver o real da história afetando a língua, é que “as palavras podem mudar de sentido segundo as posições assumidas por aqueles que as empregam”.

RELATIONSHIP BETWEEN LANGUAGE AND THE REAL HISTORY OF THE DISCOURSE
ANALYSIS

ABSTRACT

In this work, we aim to comment on the relationship that is constitutive and constituent between the notions of language and the real history in the field of French Discourse Analysis (FDA). For this aim, we established a return to the Saussurean thought regarding, notably, the notions of language and linguistic value in order to highlight the displacements that these notions in the field of Discourse Analysis suffer from an overlapping proposed by Pêcheux e Gadet (2004), with the concept, for example, of pre-built. Thus, we found that the real history focuses on language, producing meanings and snipping unspeakable points.

Key-words: Language; Real History; Pre-built; Discourse Analysis.

REFERÊNCIAS

GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível: o discurso na história da lingüística*. Campinas: Pontes. 2004.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso”. In: BARONAS, R. L. *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

MILNER, J. C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 1987.

ORLANDI, E. P. “Sobre o intangível, o ausente e o evidente”. In: GADET, F.; PÊCHEUX, M.; GADET, F. *A língua inatingível: o discurso na história da lingüística*. Campinas: Pontes. 2004, p. 7-10.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1995.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

PLON, M. “Análise do discurso (de Michel Pêcheux) vs. Análise do inconsciente”. In: Indursky, F.; M.C.L. Ferreira (org.) *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.